

## PÓS-MODERNIDADE: PERSPECTIVAS DE JEAN-FRANÇOIS LYOTARD E MICHEL MAFFESOLI

**Dra. Tânia Maria Rechia Schroeder**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Dra. Cláudia Barcelos de Moura Abreu**

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

**RESUMO:** Este artigo aborda as perspectivas de Jean-François Lyotard (1924-1998) e de Michel Maffesoli (1944 -) sobre a pós-modernidade, cujo marco histórico inicial se dá em torno do ano de 1950, período da chamada “era industrial” e em que se iniciou o declínio da modernidade e a emergência da pós-modernidade. Essa abordagem objetiva responder à seguinte questão: Que metamorfoses sociais esses autores

evidenciam para justificar as suas teses de que estamos vivendo num tempo pós-moderno? Na obra de Lyotard destacamos as transformações no estatuto do saber nas sociedades pós-industriais e mais desenvolvidas, que acumulam saberes e, conseqüentemente, mais poderes. Na obra de Maffesoli ressaltamos o que ele considera como característico da pós-modernidade: o tribalismo, o nomadismo e o hedonismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-modernidade; Lyotard; Maffesoli.

## POSTMODERNITY: THE PERSPECTIVES OF MICHEL MAFFESOLI AND JEAN-FRANÇOIS LYOTARD

**ABSTRACT:** This article approaches the perspectives of Jean-François Lyotard (1924-1998) and Michel Maffesoli (1944-) on postmodernity whose historical milestone is around 1950, the period of the so-called "industrial era" and in which the decline of modernity and the emergence of postmodernity began. This approach aims to answer the following question: Which social metamorphoses do these authors evidence to justify their theories that we are living in a

postmodern time? We highlighted in Lyotard's theory the transformations in knowledge statute in post-industrial and more developed societies that accumulate knowledge and, consequently, more powers. In Maffesoli's perspective we emphasized what he considers characteristic of postmodernity: tribalism, nomadism and hedonism.

**KEYWORDS:** Postmodernity; Lyotard; Maffesoli.



## 1 APRESENTAÇÃO

Este artigo focaliza a questão da pós-modernidade a partir das reflexões de Jean-François Lyotard (1924-1998) e de Michel Maffesoli (1944 -) objetivando responder à seguinte questão: Que metamorfoses sociais esses autores evidenciam para justificar as suas teses de que estamos vivendo num tempo compreendido como pós-moderno?

Apresentamos, a seguir, as definições de pós-modernidade de Lyotard (1986; 1987) e de Maffesoli (1998; 2003; 2012; 2016; 2018), bem como uma obra organizada sob forma de entrevistas com Maffesoli e Fischer (2016), na qual focalizamos a perspectiva de Maffesoli. Assinalamos as convergências de Lyotard e de Maffesoli sobre as transformações sociais no período da era pós-industrial, por volta dos anos 1950, desencadeadas pelas transformações tecnológicas. Esse marco histórico é assinalado como o início do declínio da modernidade e a emergência da pós-modernidade nas sociedades desenvolvidas.

Sublinhamos, em Lyotard (1986; 1987), o estatuto do saber no cenário da informatização das sociedades avançadas e, em Maffesoli, destacamos as características de uma sociedade pós-moderna: o tribalismo, o hedonismo e o nomadismo, cujas expressões, segundo o autor, são mais visíveis nas novas gerações.

## 2 PÓS-MODERNIDADE

### 2.1 PÓS-MODERNIDADE: Jean-François Lyotard

Jean-François Lyotard (1924-1998), filósofo francês, dedicou anos de trabalho e estudos sobre as formas de discurso no marxismo e nas relações entre política, economia e a psicanálise. Destacou-se, também, pelas suas contribuições para os debates sobre a pós-modernidade. A importância dessas



contribuições está evidenciada em eventos e em colóquios organizados em torno de suas reflexões, tal como o *Colloque International* promovido pela *Université Paris I Panthéon Sorbonne et de la Bibliothèque Sainte-Barbe* em 9 de abril de 2015, tendo o título do evento sido “*Lyotard et le Langage*”.

Lyotard publicou *La Condition Postmodern* em 1979, de que a versão brasileira foi intitulada “O Pós-Moderno” (1986), mas outras edições foram publicadas com versão do título original, ou seja, “A condição Pós-Moderna”. Nessa obra, Lyotard (1986) aborda o conhecimento em sociedades desenvolvidas que acumulam saberes e, conseqüentemente, mais poderes. A questão fundamental ali proposta foi pensar sobre as transformações no estatuto do saber nas sociedades pós-industriais e mais desenvolvidas. De início, na introdução, ele definiu pós-modernidade como “[...] o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (LYOTARD, 1986, p. XV). Tais transformações, o autor as situou “[...] em relação à crise dos relatos” (LYOTARD, 1986, p. XV), cuja confluência é a promessa de um destino inexorável do aparecimento de uma sociedade em que não haverá mais injustiças e sofrimentos.

Na obra “*La Posmodernidad (explicada a los niños)*” – o título parece uma brincadeira com os leitores ávidos por explicações fáceis – nos deparamos com uma junção de cartas complexas de Lyotard a diversos interlocutores. Na carta destinada a Mathias Kahn em 15 de novembro de 1984, ele menciona quatro grandes relatos com a mesma lógica da promessa da plenitude para todos, isto é, a liberdade absoluta e universal a todos os homens: o relato cristão, o relato iluminista, o relato marxista e o relato capitalista.

El pensamiento y la acción de los siglos XIX y XX están regidos por una Idea (entiendo Idea em el sentido kantiano del término). Esta Idea es la de la emancipación y se argumenta de distintos modos según eso que llamamos las filosofías de la historia, los grandes relatos bajo los cuales intentamos ordenar la infinidad de acontecimientos: relato cristiano de la redención de la falta de



Adán por amor, relato *aufklärer* de la emancipación de la ignorância y de la servidumbre por médio del conocimiento y el igualitarismo, relato especulativo de la Idea universal por La dialéctica do concreto, relato marxista de la emancipación de la explotación y de la alienación por la socialización del trabajo, relato capitalista de la emancipación de la pobreza por el desarrollo tecnoindustrial. Entre todos estos relatos hay materia de litigio, e inclusive, materia de diferendo. Pero todos ellos sitúan los datos que aportan los acontecimientos em el curso de una historia cuyo término, aun cuando ya no quepa esperarlo, se lhama libertad universal absoluta de toda la humanidad (LYOTARD, 1987, p. 36).

Para Lyotard (1987), a morte dos grandes relatos engendra a valorização dos pequenos relatos. Na estética pós-moderna é possível observar exaltação dos pequenos relatos na música, na literatura, no teatro, no cinema, etc. Entretanto, pergunta ele, após a morte dos metarrelatos, onde poderemos encontrar a legitimidade para a produção do conhecimento? Eis aí o paradoxo apontado por ele: de um lado há as tentativas do sistema capitalista em transferir a legitimação para o critério de desempenho, poder e otimização de *performances* do sistema (eficácia) e, de outro, um apontamento otimista sobre a heterogeneidade dos jogos de linguagem.

Segundo Lyotard (1986; 1987), os jogos de linguagem expressam uma realidade fragmentada tal qual um *patchwork*, pois, se existem diferentes jogos de linguagem, então existem diferentes leituras da realidade, sendo que nenhuma delas tem prevalência sobre a outra. Desse modo, o saber muda de estatuto no período pós-industrial e nas culturas pós-modernas no final dos anos 1950, no contexto da economia do pós-guerra. A vertiginosa multiplicação de máquinas de circulação de informações transforma radicalmente as formas de produção e de publicação de conhecimentos, modificando a natureza do saber que, sob a forma de mercadoria, torna-se proveitoso ao poder produtivo, bem como às concorrências mundiais pelo poder. Se, no passado, as nações se enfrentavam para conquistar territórios e matéria-prima, agora disputariam a supremacia da informação.



## 2.2 PÓS-MODERNIDADE: Michel Maffesoli

Professor emérito e membro honorário do Instituto Universitário da França “*ad vitam*”, Michel Maffesoli considera-se um pensador da contemporaneidade ou da pós-modernidade (MAFFESOLI; FISCHER, 2016). Com as bagagens da modernidade, esse sociólogo – também conhecido como sociólogo do cotidiano – nos convida a refletir sobre o tempo presente a partir de uma “razão sensível”, propondo outra forma de pensar as ciências humanas, que não mais se detêm em procurar os determinantes socioeconômicos dos comportamentos individuais, mas em compreender o espírito do tempo (“*climat*”, como ele mesmo diz).

Maffesoli insiste em usar a palavra “pós-modernidade” para expressar um tempo que sucede a modernidade e cujo imaginário (os símbolos, os valores que estruturam a vida coletiva) rompe com o racionalismo, o produtivismo, o desencantamento do mundo que cultua o progresso e um “estar-junto” fundado unicamente no contrato social.

De início, é importante ressaltar que esse pensador considera um equívoco chamar determinados pensadores de “pós-modernos” uma vez que não se trata de:

[...] “ser pós-moderno”, do modo como se poderia ter esta ou aquela identidade, mas, antes, de utilizar uma palavra, uma simples noção, como alavanca metodológica mais pertinente possível, para compreender relações e fenômenos sociais que estão apenas em estado nascente, mas cuja importância é difícil negar, seja ela quantitativa ou qualitativa. Em suma, ser um sociólogo da pós-modernidade, em vez de sociólogo pós-moderno. (MAFFESOLI, 2004, p. 11).

Para Maffesoli (1998; 2003; 2016b; 2018), o momento presente apresenta características diferentes de uma modernidade com os seus valores já saturados e um novo ciclo está surgindo, o ciclo da pós-modernidade. Ele assinala que diversos observadores sociais concordam com o entendimento de que o ciclo moderno teve início há três séculos e meio. No século XVII deu-se a afirmação do



“*cogito*” cartesiano, no século XVIII desenvolveu-se o Iluminismo e, no século XIX, considerado o grande século da modernidade, viu-se a formalização das instituições sociais. Para esse pensador, esse modelo funcionou bem até mais ou menos 1950, quando começou a sua saturação e a emergência da época pós-moderna.

Para demonstrar a sua compreensão quanto às metamorfoses em curso, Maffesoli (2016b) faz referência ao sociólogo americano Pitirim Sorokin. Esse sociólogo utiliza a imagem da saturação química em suas análises da cultura. O mecanismo de saturação ocorre num movimento de reconstrução perpétua. A desestruturação ocorre quando as diversas moléculas que compõem um determinado corpo não podem mais ficar juntas e se recompõem num outro corpo, realizando uma reestruturação com os mesmos elementos do que foi desconstruído. Esse mecanismo de saturação demonstra que “[...] *la fin D’UN monde n’est pas la fin DU monde*” (2016b, p. 24). Isto posto, portanto, “o fim de um mundo não é o fim do mundo” e, assim, não se trata de ruptura ou mutação, mas de metamorfose.

Maffesoli (1998, p. 29) assinala que o mundo contemporâneo demanda novas análises, pois os instrumentos teóricos do racionalismo abstrato não evidenciam o que está nascendo. Por analogia à mitologia grega, em que Procusto torturava os viajantes em uma cama de ferro, ele denomina a interpretação racionalista teleológica de “pensamento procústeo”, posto que “[...] à imagem do célebre leito, corta, fraciona, segundo um modelo estabelecido *a priori*”. Assim, para compreender a emergência das metamorfoses na atualidade, ele indica a “razão sensível” com vistas a integrar outros elementos que, por não serem quantificáveis, foram colocados de lado ou para debaixo do tapete, tais como o sonho, o festivo, o lúdico, etc.

Maffesoli propõe, então, retomar esses elementos que foram deixados de lado pelo racionalismo utilitarista que prevaleceu nos séculos XVIII e XIX e atuou bem até os anos 50, 60 do século XX. Tais ponderações ele faz



mencionando Max Weber e a sua análise sobre a “racionalidade generalizada da existência”, racionalidade aí indicada como engendrando o desencantamento do mundo através do rolo compressor da razão dominante, que pressionou para a ala dos fundos a festa, os jogos, os sonhos, assim excluindo a magia do mundo (“desmagificação”). Para ele, o que está contido nessa ideia é que a verdadeira vida está “além”, pois o que é melhor vem depois, o paraíso celestial ou o paraíso terrestre. A sociedade “perfeita”, não é “aqui” e nem “agora”, mas um pouco mais tarde, no entanto o que se vê nas vivências cotidianas, em especial na internet, é um “reencantamento do mundo” (MAFFESOLI, 1987; 1998; 2007; 2009; 2018).

Em “A Violência Totalitária” (2001), Maffesoli analisa o “mito do progresso”, que, para ele, está inscrito na tradição judaico-cristã. O progressismo está inserido na lógica do messianismo e parte de uma ideia simples: a de que este mundo não é bom e, portanto, é necessário procurar e/ou esperar outro. Assim, Santo Agostinho diria: este “*mundus est immundus*”. Esse fundamento tem uma estrutura idêntica às teorias emancipatórias desenvolvidas ao longo do século XIX com a procura do paraíso terrestre ou da sociedade perfeita.

As suas formas de compreender o atual e o cotidiano procuram demonstrar um “[...] quadro de análise (forma, tipo ideal, caráter essencial, estrutura, etc.)” (MAFFESOLI, 1998, p. 151) cuja função é a de realçar a complexidade social captando as tendências manifestadas pelo objeto empírico. Tal postura demanda uma conversão no olhar para passar a examinar os fenômenos sociais sem pré-julgamentos.

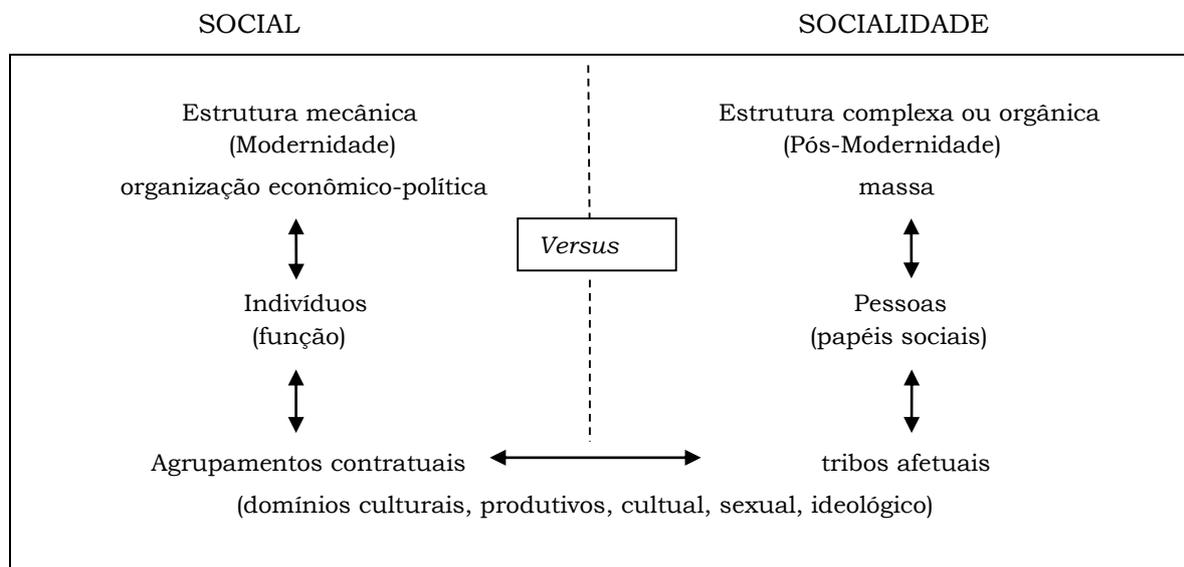
Nesse raciocínio, “[...] em vez de cortar com brutalidade este nó górdio chamado de “realidade social”, mais vale saber desembaraçar, com paciência, seus múltiplos fios entrelaçados” (MAFFESOLI, 2007, p. 17). Ele sublinha, em suas obras, que nossa cultura é a da complexidade e que, portanto, não é possível compreendê-la a partir de um só elemento, mas por uma pluralidade deles, sendo eles integrados pela via simbólica. A racionalidade aberta, ao



contrário do racionalismo utilitarista, possibilita a sinergia entre a razão e a sensibilidade (razão sensível), alargando assim a consciência para apreender a razão interna das coisas, até quando a sua forma aparece num aspecto não-racional ou não-lógico.

Maffesoli diferencia "social", "societal" e "socialidade". O termo "social", ele o utiliza para designar uma forma analítica de entender o mundo determinado pelas normas econômicas e políticas. Para ele, "[...] o *social* tem como lógica o dever-ser, determinando os caminhos dos indivíduos nos partidos, nas igrejas, nas escolas, nas associações, em todos os grupos estáveis". Já o termo "societal", o autor o emprega quando quer enfatizar o "ser-junto-com". Para ele, tal diferenciação é necessária para distinguir "de um social já gasto" e caracterizado pela "simples associação racional" (MAFFESOLI, 1985, p. 17). A "socialidade", por sua vez, se exerce no insignificante, no banal, em tudo o que escapa à finalidade macroscópica e que "[...] coloca em cena todos os parâmetros do humano" (MAFFESOLI, 2003, p. 120).

Maffesoli (2000, p. 19) designa as novas formas de socialidade com a metáfora das tribos pós-modernas. Para visualizar as metamorfoses que estão em curso, o autor nos apresenta o seguinte esquema de comparação:



Fonte: Tradução nossa de esquema citado na obra: *Le Temps des Tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*.  
Autor: Maffesoli (2000, p. 19)

Esse esquema, Maffesoli (1988) o elaborou a partir de constatações de vários estudos por ele orientados e realizados por pesquisadores da França e de outros países. A metáfora da “tribo” acentua o processo de desindividualização, destacando os papéis que cada pessoa (*persona*) é chamada a desempenhar. Quanto a isso, vale destacar que essas tribos – que compartilham gostos musicais, sexuais, culinários, religiosos, esportivos, etc. – não são estáveis, uma vez que as pessoas que as compõem deslizam de uma à outra ou participam, simultaneamente, de mais de uma tribo. Eis aí, para esse pensador, uma marca da pós-modernidade: o tribalismo caracterizado pelo deslizamento frenético de uma tribo à outra, assim exprimindo identificações múltiplas pela força do contágio (musical, esportivo, religioso, etc.). Isso significa que não existe um EU com uma substância absoluta, mas um EU constituído por muitos outros.

Contrapondo-se ao individualismo, que foi a marca da economia moderna, a tribo, o clã, a comunidade volta à ordem do dia, como pode ser demonstrado pelo compartilhamento de casas, de carros, de escritórios de trabalho, dentre outros compartilhamentos possíveis. “Estar com” (MAFFESOLI, 2018, p. 25) é uma marca essencial de um societal participativo, colaborativo, mutualista. Em uma palavra: comunitário.

O autor considera extraordinário presenciar que:

[...] viravoltando de uma tribo a outra, cada uma [pessoa] exprime assim identificações múltiplas. Não se é mais Um indivíduo (indivisível e único) associando-se a um outro indivíduo indivisível no âmbito das instituições contratuais, mas, sim, uma pessoa plural que tem várias máscaras à sua disposição, utilizando-as à vontade. (MAFFESOLI, 2014, p. 126).

Como já mencionamos anteriormente, Maffesoli compreende a pós-modernidade como um tempo marcado pela volta de alguns arcaísmos.



Juntamente com as tribos, um arcaísmo que retorna à vida pós-moderna é o nomadismo existencial, caracterizado pela mudança permanente.

Essa pulsão nômade reencontra uma força renovada na pós-modernidade. Assim, com a ajuda do desenvolvimento (por exemplo, a navegação pela internet), esse arcaísmo, quer dizer, esse arquétipo, é um elemento cada vez mais importante da vida social. (MAFFESOLI, 2012, p. 77).

Diferentemente da moderna territorialização individual (identidade) ou social (instituições), observa-se, na pós-modernidade, o nomadismo e a errância ou, ainda, as “vagabundagens pós-modernas” (MAFFESOLI, 2018, p. 114). O homem pós-moderno circula em relação às identidades, às profissões, às famílias ou mesmo aos sexos. Valendo-se de algumas reflexões de Durkheim, ele afirma que há um clima de “sede do infinito”, uma procura do Graal, desejo de um outro lugar, de aventuras e do invisível. Seriam buscas por coisas que não se sabe definir o que é, manifestando um aspecto místico nos anseios do homem pós-moderno.

O nomadismo se relaciona ao politeísmo de valores manifesto nas múltiplas máscaras ou nos diversos papéis sociais. Assim, é possível observar, nos habitantes das megalópoles pós-modernas, um novo tipo de nômade – um tipo que muda constantemente de aparência e de papéis no vasto *theatrum mundi* (MAFFESOLI, 2018).

O hedonismo faz parte de um “ambiente estético-emocional pós-moderno” (MAFFESOLI, 2007, p. 90) regido pelo “cuidado de si”, na vida dos prazeres e na ênfase no qualitativo da existência marcada pela valorização do presente visíveis, em especial, nas novas gerações. A descrença nos paraísos distantes, sejam eles religiosos ou políticos, concede ao aqui e ao agora uma grande atração.

Por fim, destacamos que a proposição de Maffesoli (2018, p. 135) para pensar a pós-modernidade, por enquanto, é com o oxímoro da “*synergie de l’archaïque et du développement technologique*” (sinergia do arcaico com o desenvolvimento tecnológico). É, então, com palavras contraditórias como essas



que o autor procura definir os variados aspectos da vida pós-moderna. Assim, aspectos considerados superados pelo racionalismo abstrato dos séculos anteriores voltam, com a ajuda da internet, com todo o seu vigor como uma grande onda após a ressaca. Enfim, numa navegação na internet, é perceptível o retorno ao arcaico com toda a força em vários campos, sejam eles musicais, corporais, indumentários, religiosos e médicos, no valor que concedem ao primitivo, ao bárbaro e à natureza.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metamorfoses sociais assinaladas por Lyotard e Maffesoli instigam reflexões sobre um tempo denominado – por enquanto – pós-moderno. Para ambos os pensadores, os valores da modernidade estão saturados e as instituições educacionais criadas para realizar o projeto da modernidade são questionadas em seus objetivos de formar para a emancipação de sujeitos, ou seja, para que sejam mestres e construtores das suas próprias histórias.

Maffesoli, ao longo de suas obras, não se situa como um otimista ou pessimista. Ele apenas procura assinalar numerosas práticas sociais que não podem mais ser ignoradas pelas universidades e pelas demais instituições educacionais, tais como o tribalismo, o nomadismo e o hedonismo como vivências perceptíveis na vida do homem pós-moderno. Com a metáfora das tribos pós-modernas, Maffesoli demonstra que o EU moderno cede lugar ao NÓS e que a fixação a uma identidade, de um partido, de uma ideologia cede lugar a múltiplas identificações de acordo com o lugar e o momento que o homem pós-moderno, nômade, está vivendo, orientado pela ética do instante, ética que não projeta a vida para um futuro que seja possível dominar e prever. Ademais, o presente vivido com intensidade hedonista é o que importa para essa existência, que é concebida como uma sucessão de momentos. Esses “cavalheiros do Graal” (MAFFESOLI, 2003, p. 57) não mais projetam suas esperanças num futuro hipotético, mas empenham-se em viver o dia a dia intensamente, o que,



paradoxalmente, significa aceitar a finitude. Para o homem pós-moderno, viver no presente é aceitar a sua morte, todos os dias.

As análises de Lyotard caracterizam essa pós-modernidade como um período histórico que evidencia a morte dos grandes relatos da humanidade – cristão, iluminista, marxista e capitalista –, relatos que tinham e têm em comum a perspectiva da promessa de uma vida plena e sem sofrimentos, mas não aqui e nem agora, senão no futuro. Esse entendimento de Lyotard nos permite inferir certa relação com as compreensões de Maffesoli quando descreve as socialidades contemporâneas.



## 4 REFERÊNCIAS

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução de R. C. Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

\_\_\_\_\_. **La posmodernidad (explicada a los niños)**. Trad. E. Lynch. Barcelona: Gedisa, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **Être postmoderne**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2018.

\_\_\_\_\_. **A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade**. Tradução de A. Chiquieri; Rev. Técnica T. D. Carneiro. Rio de Janeiro: Forense, 2016a.

MAFFESOLI, Michel; FISCHER, Hervé. **La postmodernité à l'heure du numérique: regards croisés sur notre époque**. Paris: Éditions François Bourin, 2016b.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **O tempo retorna**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **A violência totalitária**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **Le temps de tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes**. Paris: La Table Ronde, 2000.

\_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.



# Educere <sup>Et</sup> Educare

REVISTA DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

---

Recebido em: 20/10/2017  
Aprovado em: 12/02/2018

